EUTOMIA
Revista Online de Literatura e Lingüística
ISSN 1982-6850

Marcia Cavendish Wanderley

Efeito Piazzolla

Ontem, pela primeira vez
Não foi a sala escura,
não só isto
Nem aquele tango , homenagem absurda
a uma estória espúria

talvez uma alucinação provocada
 por nuvens de cigarros, e pela música que move
as sombras na sala, ao cair da tarde
talvez ...

Sei apenas que tinha a forma da dor,
mas não pungente,
palavra banal, cafona, até ***baixo calão***
segundo aqueles que entendem,

Cruenta, sim, isto foi, no lado errado
do peito imaginário.
Um enfarte ao contrário.

Não me matou, mas quase
acreditei, com pudor ,
que era aquela coisa inexistente
entre nós dois...

nuvem volante, vinda do oriente
pássaro áspero pousado no deserto
sem deixar rastro
na ondulada areia-herança,
do nada

Luz de fins de Agosto

A tarde calma de agosto
penetra pelas janelas
deste ônibus fantasma que me conduz ao passado
sob a luz acastanhada
de uma Gávea de outros tempos,
de uma casa
onde a árvore destruída
despreza seus parasitas
e flora.

Lá , onde todos me esperam
como na estação do amor
vivido no contra-pêlo.
Tantas brigas sem querer, tantos zelos
e testemunhas medrosas,
que crescem em nosso meio
enquanto a árvore
estremece... geme...
mas, não morre.

Parasitas comem gente, você diz preocupado,
mas se a árvore sobrevive,
por que tenho que morrer?

Todos parecem tão vivos,
você, os filhos, os netos
crescendo, se multiplicam e não mais se despedaçam,
como era certo fazer.
Nada está como deixei,
mas se a árvore sobrevive
por que tenho que morrer?

O passado está presente nesta luz
que me transporta aos domínios,
de todo mal,
todo o bem
do teu amor desigual .
Vinhos ácidos e ambrosia alternam-se em nossa mesa
alimentando o improvável como se fosse normal,
e ainda assim,
infantes crescem

Mas agosto está no fim
e lá fora a primavera,
inda insiste em renascer
impudica e traiçoeira como a árvore na janela.
Mas se ambas sobrevivem,
por que tenho que morrer?